

VINTE POEMAS DE JORGE RICARDO AULICINO

Márcio Luiz Oliveira Pinheiro é professor de língua espanhola do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), bacharel em direito pela Universidade Anhangüera e especialista em tradução pela UGF e mestre em história e teoria literária pela UNICAMP.
Email: marcio08pinheiro@oi.com.br

Jorge Ricardo Aulicino é jornalista, tradutor, crítico e poeta. Ele tem mais de quinze livros de poesia publicados. Aulicino atuou durante a década de oitenta e de noventa do século XX na discussão sobre o fazer poético que opôs neobarrocos aos objetivistas. Parte da produção poética dele tem um marcado viés de cruzamento de linguagens o que poderá ser percebido na leitura dos poemas ora apresentados para dar-nos uma singela amostra dela, eles foram retirados da antologia poética *Estación Finlandia. Poemas reunidos 1974-2011*. Seguem abaixo 20 (vinte) poemas do referido poeta argentino cuja tradução para o português ora apresentada é de Márcio Luiz Oliveira Pinheiro.

Misa Brevis (Mozart)

Na figueira do fundo as galinhas dormiam,
mas o céu, esse coro da matéria,
não fazia distinção entre coisas sublimes e triviais:
labaredas, vozes, monstros,
profundezas e cavernas místicas e sinistras;
a mente num cinza, num rosado pálido e num violeta
ajudava a desenhar.
Ali, o menino de Salzburgo, talvez, percebeu o rosto
que depois construiu
com matemáticos vislumbres, justamente.
A avó
obrigava as galinhas a permanecerem abrigadas
para resguardá-las de gatos, encapuzados
e tormentas.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 419)



Um Canto

Bauhaus toca algo que soa como canto de uns monges.
Imagino claustros remotos e um campo branco.
Estes sons estarão – me digo – muito tempo gravados
em fitas eletromagnéticas e discos compactos:
Darão um testemunho?
Escutados por seres de outro universo,
Que quererão estes sons, que dirão?
Que significará testemunhar?
Os estranhos sentirão que o tempo era algo grave
para aqueles homens extintos sobre o planeta?
O arco que funde o tempo entre Bauhaus
- um grupo inglês do século vinte –
e uns monges do século treze em Encalcat;
o círculo que se fecha, a ida e a volta
dessas remotas vozes
lhes dirão que efeito vertiginoso,
Quanta vital melancolia, que horrorosa ansiedade,
que prazeroso aniquilamento produzia
a curva do tempo ouvida em qualquer cidade
das muitas dispersas então sobre a terra,
entre habitantes que não se conheciam,
ilhas na luz intolerável de uma manhã
de fins de 1990, ou de 1393 ou no chuvoso verão de 1304
em Buenos Aires, em Encalcat ou em Florência?
Lhes dirão como tinham aprendido a se estremecer
ou a se lesionar em sua finitude
e como a eternidade estava parcialmente neles
e agora algo deles vigia os estanhos
desde as ruínas carbonizadas?

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p.156)

A Rendição de Breda. El Prado, Madrid

Não era de se esperar que depois da batalha
tivessem os olhares destes homens
uma inteligência estrábica e suas roupas
salpicos de sangue? E as lanças e as
cavalgadas, sangue também, e até vísceras.
Entretanto pactuam a rendição num amigável abraço
enquanto um soldado olha a câmara
- a garupa de um cavalo ocupa o primeiro plano
e tem um papel levado da cena pelo vento, à direita -.
Aqui está meu compromisso cortesão,
parece dizer Velázquez,
neste efeito decorativo em que se desenrola
a guerra pudica de uns nobres hipócritas.
Mas advertem o olhar deste soldado
solicitando,
consideram a questão em seu aspecto casual,
estas cores, verde escuro e marrons, por exemplo,
que caem por aí,
rastejando ao acaso, se movem numa profundidade de mar
ou de plasma, onde em verdade descobrirão a luta em que me perco.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 407)

“A Poesia Tem Uma Felicidade Que Lhe É Própria”*

Sobre o pentagrama, Haendel
marcou o momento que começou a ficar cego
e o manuscrito jaz agora em sua casa natal,
onde o visitante é convidado a se sentar
e escutar o furioso advento do Messias.
Ou o que dá no mesmo, tudo é sacudido pela música,
até os clavicórdios e os andares
onde Haendel brincou desde criança;
entretanto a inscrição marginal assinala
que tem que fechar os olhos e pensar
na música do caos;
o que para Haendel foi ficar cego,
tatear a beirada da cama, provar o vazio a cada passo
com o urinol na mão por esses corredores de Deus.

*Edgar Bayley

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p.74)

Habeas Corpus

Um corpo morre e estende sua mão
(na direção dum oceano dourado, um inverno violáceo?
Ninguém sabe nem vê).
Um pintor pode pintar a mão de Rembrandt sobre o lençol,
Mas não a agonia do corpo entre suas colunas de obsídio.
O corpo não é visto.
Nem com os olhos da mente
Nem com os olhos da pele.
Ninguém pinta realmente um corpo.
Se tem pintado espuma nos olhos do que morre,
o entrevisto na alva;
hipótese, em todo o caso, sobre o corpo.

(Aulicino, J. *Estación Finlândia*, 2012, p. 104)

Bach e um Cartaz

“Supondo que se fugisse, seria prelúdio
de algo maior”. Estava parado e dava as costas
para porta daquele lugar público,
muito interessado em demonstrar que o jogo
de palavras merecia respeito
como a agonia de um idiota.
Falou de Bach e das associações
de fugas e de prelúdios:
modos de abordar a realidade, refletiu.
Matematicamente o xeque-mate existe, respondi,
por que não se põe em xeque de cara?
Para que fugir, de bom grado, ou para que tramar xeque mate alheio?
Pontilhar das árvores, a espuma, as pedras, respondeu.
Bach para as coisas e o xadrez para o homem mortal.
Podíamos ter ficado em paz
porém, mais além das árvores, algo de neon faltava.
Acendia e apagava enquanto se sentou satisfeito.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 415)

Cachorros de Bach

Não posso crer que algo seja sustentado
por uma rede de cabos co-axiais;
formem parte da sustentação do mundo
a trama das madressilvas
numa recordação mítica,
as serragens finas de uma porta lixada
com esforço mortal.

Mas hei de crer por fim, disse, num vazio
de certo modo limitado pelos fios de saliva,
pulsos de correntes elétricas deslizando
dia e noite.

Se insiste, plácido como Bach, dando
voltas e correndo como cães atrás dos seus rabos,
é talvez porque o vazio
e o ouvido e o olho em absoluto não são,
porque nada cabalmente é.

Dou
crédito ao que prova com instrumentos temperados
ou com reunir nas retinas ramos,
antenas, manchas da chuva
e as propostas do campo,
que as envolvem e as deixam de vez entrever.
E ao que não se convence seja um cárcere
o suceder de estações, cartazes, dias, plantas, redes.
Nada perde com provar ainda sem convicção.
Nada ganha com – nem perde realmente – renunciar.
Assim, agora comerás, e mais tarde...

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p.417)

Aqueles repentistas que se perguntavam
em versos sonoros e medidos,
como agrupavam, reduziam a mínima expressão silábica
uma expressão que parecia torturá-los?
Não eram aquelas pontes cadenciadas a essência de sua arte?
Não era menos importante a pergunta do que a sabedoria para
[formulá-la em versos sonoros e persuasivos?
Não criavam desse modo uma estética desvinculada por trás de
[todo questionamento pascaliano?
Tal como o universo e seu infinito. O que eles têm a ver conosco?
E em troca riam e se correspondiam no canto,
simples por fim, somente fileiras de oito sílabas rimadas.
E nesta ingenuidade: reinava a solução do problema?
Reinava o universo onde nada tem resposta final?
E, neste ínterim, se multiplicavam os sistemas e campos energéticos
como versos rimados ou versos livres que fazem vibrar só para si?
Não é função da poesia a ordem, em fim simples,
Ou às vezes solapado, como se temesse
- o que não ocorre com os repentistas –
Que o universo que não se ocupa de nós
Pudesse devorá-lo, desmenti-lo?

Revista Escrita
Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea/RJ CEP 22451-900 Brasil
Ano 2014. Número 19^{EE}. ISSN 1679-6888.
escrita@puc-rio.br

Um pouco mais pra cá do que dizem
os sinais indicadores.
O carro, um velho Peugeot habitante
de oficinas mecânicas,
mas capaz de deslizar suavemente
como um velho poeta sobre os eixos
polidos de todas as suas palavras.
Um carro velho
que segue seu diagrama,
seu código
de ruídos ritmados:
essa porta que se dobra
em intervalos sobre suas dobradiças,
um canto como de água de bilha,
golpes de hastes e chiados sincopados
da carroceria.
Este concerto não está em sua cabeça
e a mecânica casual dele
lhe fala sobre o mundo
melhor que o radio.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p.418)

Coloristas

Há neste bosque de Cézanne
a impressão de que este bosque não está
nem esteve.

Não por ser sonho, trama de sonhos,
mas sim por ter sido pintado em parte
numa tela,
em parte em nada e - em grande parte -
no lugar onde vimos um bosque.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 111)



Rondas (Stravinsky)

Nenhuma expressão solitária, nenhuma
ao terminar
o dia.

Não diga que houve árvores, céus,
irritação de fumaça no nariz e de recinto fechado;
mas que reino escasso.

Entretanto não o entregaria.

Pavese, Mestiere di vivere:

Se aquilo que você é aparecesse para você,
está certo de que não lhe seria odioso?

Convidaria ele para tomar um cafezinho?

Esta noite.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 198)

Jan Vermeer

Se dissolvo essa menina em seu quintal
e a matrona no quarto de dentro
na maior quota de dissolução possível,
tenho a verdade?

Digo, não é sólido nada, tudo é corpuscular
e como levo luz aos corpos, estes
estalam silenciosamente e todos creem
que os estão vendo nos sonhos ou na infância

mas não é esta a realidade.
Não os sustentam amor nem índole mágica.
Andam juntos por estupor ou retinas:
meu amor, minha filha querida,
a matrona do térreo
e o quintal egrégio.

Pranto pela cor e pela luz,
amor pela cor e pela luz
e paixão pelo unido transitório ilusório.
Galáxias andam por ali e por aqui.
Os rostos galácticos as constelações corpusculares
confundem
o que amamos.
Eis
o que amamos: explosão da luz/ realidade da luz.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p.76)

Michelangelo

Deus separou a luz das trevas
e chamou Dia a luz e Noite as trevas.
Eu sou um escultor que príncipes e papas
confundiram com um trapo sujo
encaçapado em baixo da abóboda da Capela Sistina.
Não conheço a não ser a morte que me deste,
nasci para a luz da escultura
e sou maldito pelo Papa que ameaça
me jogar para fora do andaime
se continuar demorando a criação do universo
- mas o que poderia criar Deus nesta posição? -
Minha cabeça está para explodir. Os imbecis me pagarão.
Aguentem, haverá dinheiro.
(Terminei, *babbo*, a capela que estava pintando.
O Papa ficou satisfeito.
Eu esculpo a mentira humana,
porque aprendi a morrer da sua morte);

se expandem luzes nas sombras
e trevas na luz cristalizada
onde quereria desaparecer:
a plenitude é uma questão de formas
que *non parlano, babbo*,
Deus não separou nada.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 75)

Cézanne

Só com me inclinar da direita para a esquerda
e da esquerda para a direita, me basta,
escrevia Cézanne.

Poderia passar minha vida aqui,
me inclinando da direita para a esquerda
e da esquerda para a direita,
e não esgotaria a realidade, explicava.

Espaços em branco nas últimas telas de Cézanne.
Indicam os especialistas
que tinha levado sua teoria ao extremo.
Outros
os atribuem a dificuldades de visão:
Cézanne deixou em branco aquilo que não podia ver.
Neste caso (ou em ambos),
por que Cézanne não esforçou a imaginação?
O questionamento deveria fazer pensar
os esoteristas vernáculos,
distintas espécies de mistificadores.

Por que Cézanne não quis pintar o que os seus olhos
- ainda que se movessem com seu corpo da direita para a esquerda,
da esquerda para a direita – não podiam ver?

Por que escrevem sobre o que o coração não vê?
Por que escrevem sobre o que a inteligência não celebra ou chora?

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p.45)

Caravaggio

Começaria depois de tudo numa viagem pela rua
nas marés de odores e cores artificiais, mas
nas marés de manhãs e tardes com o mesmo motor
e o mesmo tom.

Começaria no inenarrável.

Na rua, começaria a primeira pincelada.

Como numa viagem de pássaros sonâmbulos,
atravessaria as pequenas fortalezas dos instintos.

E como uma gota de sangue baixaria aos depósitos com luz crua,
juntando o tom de milhões de tons e os restos dos copos
e a sujeira de milhões de papéis jogados na rua.

Por fim, uma cara, uma mão com calos

e um gesto apertado e plano porque compreendeu a maquinaria.

Agora, o quadro fala. A cor transformada pela alquimia

que produz surdez. Deste trabalho, ninguém tem consciência.

O que está no quadro são eles.

Eles depois de terem atravessado os infernos.

Eles como se nas lojas baratas pendurassem corpus no lugar de roupa.

Eles com telefones portáteis nas rotisseries.

Como a rês verdadeira cujo sangue tem cor de nuvens
sobre o lugar onde havia frigoríficos e estações.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 355)

Intermezzo Interrotto (Bèla Bartok)

Às três da tarde, ninguém
na churrascaria a um passo da rua.
Ninguém seria capaz de falar com o garçom.
Zumbem duas moscas chatas de gorda,
há migalhas sobre as mesas e,
manchas de vinho na fórmica branca
encardidas pelos cotovelos.
Na devastação que se segue ao banquete barato,
o garçom parece conturbado
ainda que esteja tranquilo.
Tudo terminou outra vez
e fica por limpar em dois tempos o resto.
E se diria da mesma forma que aqui podia ter acontecido
uma carnificina ou um enterro rápido.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 197)



Um Lírico

Pintaria um quadro com esta mulher, disse,
mas não fazendo dela um modelo;
mas sim, com suas vísceras e com o sangue do seu sexo.
Depois, olhou na direção da rua
sobre a qual tinha chovido de repente
e suspirou pela mudança de estação.

Um verdadeiro lírico.

A inclinação do eixo do planeta
é um fenômeno físico e, por tanto, indiferente;
ou melhor, é um ato místico e, sobre isto,
a arte nada tem acrescentar, raciocinou.
Entendo esta parte do assunto, lhe disse;
entretanto, eu gostaria de saber:
que coisa você pintaria com esta mulher?
Os olhos riram por trás dos óculos suados.
Que eu pintaria? Que você acha que eu pintaria? Disse.
Diga-me, o que pintou o aduaneiro Rousseau
ou o pintor aquilo que lhe ocorra.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 189)

Whale's Blow

Por causa das pessoas amontoadas no balcão não podia
ver os músicos, até que de repente surpreendi
a imagem do trompetista sobre o vidro de um quadro
colocado de maneira lateral
e vi o trompete alaranjado por causa da mescla de luzes
que começou a brilhar cada vez mais como se fosse feito
de cobre de fundição.

Assisti este espetáculo preparado pelos deuses somente para mim,
amassando o maço de cigarro vazio, o pé sobre uma poça de algo,
dor nas cervicais.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 264)

Baixa Resolução

Por detrás dos vidros translúcidos e em luz tênue,
quatro travestis brindam com champagne
numa limousine branca.
Ausência de spots e câmeras resguardam os corpos
da estranha cena inusitada na noite gelada.
Um grupo, nem muito apertado nem confortável,
rodeia o carro sem perguntar do que se trata.
Pararam, mas poderiam continuar andando.
Agasalhos desgastados, lapelas levantadas
e corpos que cheiram mal.
Nem risos nem susto diante da cena que ninguém filma.
Joia decadente da TV que se apaga no frio lunar.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p.410)

Bons Momentos na Clínica

Distrai-se na clínica, observando
reproduções de Claude Monet.
Detém-se diante da Pont d'Argenteuil
que está em frente da cozinha.
Já não lhe interessa o “efeito Monet” que estava acompanhando;
mas sim, a copa destas árvores do outro lado do rio.
“Este é um quadro naturalista”, é o que se diz,
“uma vez que Monet capturou a felicidade destas árvores.
Ou a felicidade destas árvores somente vemos Monet e eu?
Mas, sem dúvida, é a mesma felicidade que eu vejo nestas árvores reais.”

De repente se abre atrás dele uma porta
e o corredor foi invadido pela cheiro do café.
Como se abrisse uma fresta em seu pensamento
outro êxtase.

(Aulicino, J. *Estación Finlandia*, 2012, p. 152)

Referência

AULICINO, Jorge Ricardo. *Estación Finlandia. Poemas reunidos 1974-2011*. Bajo la luna. Buenos Aires. 2012.